

OUTRA VEZ JOSÉ ALBANO

Múcio Leão

Publiquei, há dias, nestas mesmas colunas, um artiguete acerca de José Albano, e pude ver que aquela figura estranha e rara despertou a curiosidade dos leitores. Resolvi, assim, reunir outras informações acerca de José Albano, para com elas deixar mais preciso o perfil do poeta.

*

* *

Devo, desde logo, dizer que a reconstituição exata da bibliografia de José Albano me parece um problema muito difícil. Em uma relação das obras dele, que acompanha a **Antologia Poética** (único de seus livros que consegui encontrar), vejo os títulos dos seguintes volumes: **Triunfo e Alegoria**; **Rimas**; **Comédia Angélica**; **Four Sonnets**; **Argumento do Triunfo**; **Alegoria e Comédia Angélica**; **Antologia Poética**.

Em vão procurei esses livros. Com tristeza, verifiquei que a Biblioteca Nacional, em seu fichário, não registra nenhuma vez o nome do poeta. Tendo consultado pessoas que se têm dado ao estudo de José Albano, vi que elas também ignoram vários dos títulos que constam da relação publicada na **Antologia Poética**. Por exemplo: o **Argumento do Triunfo**, **Alegoria** e **Comédia Angélica**. Não encontrei ninguém que houvesse visto esse livro. Existirá ele? Ou terá sido apenas um projeto do poeta, um projeto jamais levado a efeito?

*

* *

Apelei para Américo Facó e para Manuel Bandeira, e com o auxílio desses dois queridos amigos, que, como eu, amam a memória de José Albano, consegui reconstituir, tanto quanto possível, a obra do poeta.

Eis as informações que, de acordo com Facó e Bandeira, pude coligir:

Obras publicadas:

1º — **Rimas de José Albano — Redondilhas** — Nas oficinas de Fidel Giró — Barcelona — 1912.

In-oitavo de 31 páginas numeradas, afora uma página final com o índice. Encerra 14 composições.

2º — **Rimas de José Albano — Alegoria** — Nas oficinas de Fidel Giró — Barcelona — 1912.

In-oitavo de 30 páginas, contendo um poema em 8ª rima com o título **Alegoria**.

3º — **Rimas de José Albano — Cançam a Camoens e Ode à Língua Portuguesa** — Nas oficinas de Fidel Giró — Barcelona — 1912.

In-oitavo de páginas numeradas, afora uma não numerada, com o índice.

4º — **Comédia Angélica**, de José Albano — Tipografia Moderna — Fortaleza — 1918.

In-oitavo de 102 páginas numeradas e mais 2 finais sem numeração, trazendo o índice.

5º — **Antologia Poética** — Tipografia de Assis Bezerra — Fortaleza — 1918. (No livro estes dizeres estão em latim.)

In-oitavo de 98 páginas.

6º — **Four Sonnets** — By Joseph Albano — Tipografia Hodierna — Fortaleza — 1918. (Dizeres igualmente em latim.)

In-oitavo de 16 páginas, contando quatro sonetos em inglês com a tradução em prosa portuguesa.

Obras Inéditas:

7º — **Rimas da Meninice** (1895-1897). Encerra dois poemas em alemão.

8º — **Rimas da Adolescência** (1900-1902).

9º — **Últimas rimas** (1916-1919.)

Creio que neste último livro figurarão 25 sonetos de José Albano: 15 que ele jamais quis publicar; e 10 que eram os de sua preferência, e que há alguns anos apareceram em um número precioso da revista **Pan**.

Na **Idéia Ilustrada** foi publicado, há alguns anos, o **Triunfo**, poema do poeta. Será aquele mesmo trabalho que, juntamente com a **Alegoria**, se destinava a formar um dos volumes que aparecem indicados na relação das obras de José Albano. Desse volume — **Triunfo e Alegoria** — nada posso honestamente dizer, porque nunca o vi. Na **Antologia Poética** encontro alguns excertos a ele extraídos, excertos que se acham na parte intitulada **Poesia Épica**. As estrofes transcritas revelam que o poema é, na parte do **Triunfo**, composto em tercetos, como os poemas de Dante; e, na parte da **Alegoria**, composto em oitavas como **Os Lusíadas**. Aqui, a exemplo do que acontece na epopéia de Camões, há um abundante aparato mitológico; e entre estas estrofes convém ler aquela em que o deus Hermes anuncia aos imortais e aos mortais o Brasil — a pátria da Primavera:

Vai pelo mar azul à verde terra
Tão fértil, tão fecunda e tão formosa,
Em cujo seio a natureza encerra
Tudo o que o coração deseja e goza;
Em cujo bosque, vale, prado e serra
Corre um perfume de açucena e rosa,
Em cujas grutas frescas e quietas
Hão de morar as musas e os poetas...

As **Redondilhas** formam, sem dúvida, a coletânea mais bela de quantas publicou José Albano. É nela que se encontram as trovas, os sonetos, as cantigas, os motes, os vilancetes, as glosas, as **esparsas**, em que José Albano foi exímio — toda aquela poesia de inspiração antiga e entretanto tão nova, que faz dele um companheiro dos líricos dos velhos cancioneiros lusitanos, sem, entretanto, deixar de ser um dos mais encantadores entre os nossos contemporâneos. É aqui que José Albano se mostra, talvez mais do que em qualquer outra parte, o camoniano de inexcusável mérito.

Quanto à **Comédia Angélica**, é um **mistério** medieval, que se passa em Lourdes. Precede-a uma **loa**, em que falam as três virtudes teológicas, os pastores e os peregrinos. Seus versos anunciam a redenção da humanidade, e, entre as névoas teológicas que a envolvem, surgem, como fulgidos momentos, os diálogos de Adão e Eva.

Os **Four Sonnets** são, em sua essência, camonianos; e, embora escritos em língua inglesa, traem a formação clássica e renascentista do poeta.

*
* *

Aí estão as informações, talvez insuficientes, que pude reunir acerca da obra de José Albano.

Quanto à vida do poeta, as informações que obtive com Américo Facó são também poucas. Nasceu ele em 12 de abril de 1882, em Fortaleza, num velho prédio chamado Casa Branca, em uma rua que hoje tem o nome de S. Paulo. Aos 11 anos seguia para a Europa, onde ficou até aos 16. Volveu ao Brasil, e foi continuar os estudos em Petrópolis, no Colégio S. Vicente de Paulo. Em 31 de dezembro de 1906, já sendo funcionário do Itamarati, casou-se, e do seu casamento houve três filhos — Maria José, Maria Justina e Ângelo. Faleceu em Paris, em 11 de julho de 1923.

*
* *

Nos quarenta e um anos de sua existência, José Albano passou todo o tempo que pode na Europa, e principalmente em Paris. Levava ali uma vida desvairada de boêmio. Solitário, meio alucinado, sem amigos, ele gastava em poucos dias o dinheiro que no começo de cada mês recebia da família. O resto do tempo passava-o em verdadeiras aventuras. Era, porém, um homem de extrema dignidade, e não se coadunava com a maneira altiva de seu espírito a idéia de pedir dinheiro emprestado, fosse a quem fosse. Para resolver tais dificuldades financeiras e morais, José Albano apelava para um recurso hábil. Procurava os patrícios que chegavam a Paris, e os fazia subcreverem listas para a publicação de suas obras completas. Obtinha assim alguns francos a mais na receita de cada mês,

e com isto podia pagar as cervejas de que era apaixonado. Suas **obras completas**, entretanto, nunca vieram à luz; mas os que para elas subscreveram seus ricos francos, podem contar que não de um dia recebê-las na Eternidade.

*
* *

Quanto à figura física de José Albano, todos os depoimentos a dão como singularíssima. Agripino Grieco, que o conheceu, guardou dele a impressão de um Brummel: “De mim para mim só me recordo de ter defrontado um homem cuja distinção de maneiras me fazia pensar nos leões do Segundo Império francês ou na Espanha cavalheiresca dos sombreiros emplumados, das gargantilhas e dos punhos de renda. Foi exatamente o poeta José Albano que eu conheci à porta da Livraria Garnier...” Luiz Aníbal Falcão o viu “vestindo sempre um terno de veludo marron, que me dizia ser a última moda de Londres”, levando sempre as luvas o “que de tão gastas lhe mostravam todas as pontas dos dedos”, usando uma bengala de falso junco, um chapéu cheio de furos, debaixo do qual caía uma cabeleira ensebada... João Ribeiro achou que ele **tinha pretensões de elegante**, e assim o mostra: “Usava o monóculo, e não iam mal à sua figura (que lembrava a de Musset), os seus coletes de veludo e a sua fina barba à nazarena. Parecia-me antiquado nessas feições românticas, que, chamando a atenção de todos, por isso mesmo se tornavam de uma grande vulgaridade.” Tristão da Cunha, enfim, teve, ao vê-lo, a idéia de que estava vendo um mugique bolchevista...

*
* *

O mais inteligente e sutil dos críticos de José Albano previa, há quase trinta anos, na ocasião do aparecimento da **Comédia Angélica**, que o autor desse livro, então desconhecido, e talvez desdenhado pelo público, viria a ser, no futuro, considerado um grande poeta brasileiro, e como tal proclamado por todos e por todos reconhecido. Esse dia assim anunciado já terá soado agora?